O DEVIR DE ENSINAR

VIVIAN CINTRA SILVA

RESUMO
Este artigo explora o conceito filosófico de devir, especialmente sua relação com o ensino, destacando como ele redefine o ato de ensinar como um processo dinâmico, mutável e em constante construção. Baseado na filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, o texto propõe que o ensino não é um estado fixo, mas um movimento contínuo de transformação para professores e alunos. São analisadas as implicações práticas dessa abordagem na educação contemporânea, enfatizando a necessidade de adaptação às mudanças socioculturais, tecnológicas e emocionais que impactam o ambiente educacional. Por fim, o artigo apresenta os desafios e perspectivas do ensino enquanto prática do devir.

Palavras-chave: Devir, ensino, filosofia da educação, aprendizagem, transformação.

INTRODUÇÃO

A educação, enquanto prática social e cultural, está inserida em um contexto histórico marcado por transformações constantes. Ao longo dos séculos, as concepções de ensino e aprendizagem evoluíram, refletindo as mudanças nas relações humanas, nas demandas sociais e nos avanços científicos e tecnológicos. No entanto, mesmo com essa evolução, o ensino frequentemente é entendido como um processo linear e prescritivo, no qual o professor atua como detentor do conhecimento e o aluno como receptor passivo. Essa visão fixa do ensino limita sua capacidade de responder às complexidades do mundo contemporâneo.

É nesse contexto que o conceito filosófico de devir, proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari, oferece uma perspectiva transformadora. O devir rompe com a ideia de identidades fixas, sugerindo que tudo está em movimento e em constante transformação. Aplicar essa noção ao ensino implica reconhecer que educar não é uma tarefa estática, mas um processo fluido e dinâmico, no qual professor e aluno estão continuamente se transformando. O ensino, assim, deixa de ser apenas um meio de transmissão de conteúdos para se tornar um espaço de coautoria, criação e aprendizado mútuo.

Neste artigo, exploraremos o que significa o devir de ensinar, refletindo sobre como esse conceito filosófico pode ser aplicado ao ambiente educacional. Discutiremos suas bases teóricas, analisaremos suas implicações práticas e abordaremos os desafios e possibilidades que emergem dessa perspectiva. Acredita-se que, ao adotar o devir como fundamento, o ensino pode se tornar mais flexível, criativo e alinhado às demandas de uma sociedade em constante mudança.

Este texto, portanto, busca não apenas conceituar o devir no ato de ensinar, mas também propor caminhos para que educadores possam incorporar essa visão em suas práticas pedagógicas, promovendo um ensino transformador e significativo.

DESENVOLVIMENTO

O conceito de devir ocupa um lugar central na filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, sendo uma noção que desafia as formas tradicionais de pensar a existência, a identidade e o tempo. Diferente de abordagens filosóficas que priorizam o "ser" como algo fixo, estável e definido, o devir é movimento, fluxo e transformação contínua. Ele representa aquilo que está em constante mudança, que nunca é completamente capturado por uma forma ou essência.

Para Deleuze e Guattari, o devir não é um estado que se alcança, mas um processo que está sempre em andamento. Esse processo se dá na interação e no entrelaçamento de elementos heterogêneos, sem que haja uma fusão ou uma identidade fixa entre eles. Um exemplo clássico desse conceito na obra dos autores é o devir-animal, que não significa tornar-se literalmente um animal, mas acessar uma multiplicidade de forças, potências e maneiras de ser que não estão restritas à forma humana. Esse conceito desafia categorias rígidas e nos convida a pensar a vida como um campo aberto de possibilidades.

No contexto educacional, o devir desloca a ideia de que professores e alunos possuem

papéis fixos e imutáveis. Em vez disso, propõe uma visão em que ambos estão em constante transformação. O professor, ao ensinar, não apenas transmite conhecimento, mas aprende, se reinventa e se transforma na relação com os alunos, com os conteúdos e com as dinâmicas da sala de aula. Da mesma forma, o aluno não é um recipiente vazio, mas um sujeito ativo, que constrói o processo de aprendizagem e também transforma o professor e o ambiente educacional.
Essa abordagem também desafia a linearidade tradicional do ensino, em que o aprendizado segue etapas predeterminadas. O devir sugere que o aprendizado é não linear, emergente e imprevisível, pois depende das interações, contextos e subjetividades envolvidas. Isso implica em uma reconfiguração da prática pedagógica, que passa a valorizar a experimentação, a criatividade e a abertura para o novo.
Outro aspecto importante do devir é sua conexão com a multiplicidade. Segundo Deleuze e Guattari, o devir opera em múltiplas dimensões simultaneamente, reconhecendo a diversidade de experiências, perspectivas e formas de existência. No ensino, isso pode ser traduzido na valorização das diferenças entre os alunos e na criação de um ambiente que acolha a pluralidade, permitindo que cada indivíduo siga seu próprio caminho de aprendizado, sem perder de vista a interação com o coletivo.
Por fim, o devir também questiona a busca por resultados finais ou estáveis. No ensino, isso significa abandonar a ideia de que a aprendizagem é um ponto de chegada fixo e começar a entendê-la como um processo contínuo, que nunca se completa. Esse olhar ressignifica a prática docente, transformando-a em um espaço de transformação mútua e ininterrupta, onde o foco está mais no caminho do que no destino.
Portanto, compreender o devir na filosofia é essencial para trazer esse conceito ao campo educacional. Ele nos convida a repensar o ensino como uma prática viva, fluida e aberta às infinitas possibilidades que emergem da interação entre professores, alunos e contextos. Essa visão abre caminho para uma educação mais dinâmica, inclusiva e alinhada às complexidades do mundo contemporâneo.
No âmbito educacional, o devir transforma profundamente o entendimento sobre o ato de ensinar. Enquanto abordagens tradicionais tendem a enxergar o ensino como um processo de transmissão linear, onde o professor é o emissor do conhecimento e o aluno, o receptor, o conceito de devir rompe com essa dicotomia. Ele sugere que ensinar não é um estado fixo ou uma prática unilateral, mas sim uma relação dinâmica e fluida entre professores, alunos, conteúdos e o contexto em que estão inseridos.
O ensino, sob a perspectiva do devir, não pode ser visto como um simples ato de levar o aluno de um ponto inicial a um ponto final. Em vez disso, ele é um processo de transformação contínua, onde professores e alunos mudam e evoluem ao longo da interação. O professor, ao ensinar, não apenas entrega conhecimentos, mas também aprende com os alunos, reflete sobre suas práticas e adapta seu ensino às necessidades do momento. Essa transformação pode ser observada nas pequenas interações cotidianas em sala de aula. Por exemplo, quando um aluno traz uma pergunta inesperada, essa situação desafia o planejamento do professor, que é convidado a explorar novas abordagens e a buscar respostas junto com os alunos. Nesse contexto, ensinar se torna uma prática de cocriação, onde o conhecimento emerge da interação entre todos os envolvidos.
Sob a ótica do devir, a relação entre professor e aluno deixa de ser hierárquica para se tornar mais horizontal e colaborativa. O professor não é mais visto como o único detentor do saber, mas como um mediador que facilita o processo de aprendizagem, enquanto o aluno assume um papel ativo, contribuindo com suas experiências, questionamentos e perspectivas.
Essa dinâmica se reflete em práticas pedagógicas que valorizam a autonomia do aluno e a construção coletiva do conhecimento. Métodos como a aprendizagem baseada em projetos e a sala de aula invertida exemplificam essa abordagem, pois permitem que os alunos assumam maior protagonismo no processo educativo, enquanto os professores atuam como facilitadores e orientadores.
Uma característica marcante do devir no ensino é a imprevisibilidade. Diferentemen-

te de uma aula rigidamente estruturada, o devir sugere que o ensino deve ser flexível e aberto ao inesperado. Isso significa que o planejamento pedagógico não é um roteiro fechado, mas um guia que pode ser adaptado conforme as necessidades e interesses que emergem ao longo do processo de aprendizagem.

Por exemplo, em um debate em sala de aula, as contribuições dos alunos podem levar a caminhos inesperados, introduzindo novos temas ou perspectivas que não estavam inicialmente planejados. Nesse sentido, o ensino se torna um processo vivo, que se desenvolve a partir das interações entre os participantes e do contexto em que ocorre.

Outro ponto importante é que o devir reconhece a multiplicidade como uma característica fundamental do ensino. Cada sala de aula é composta por indivíduos com histórias, habilidades, interesses e necessidades únicas. A prática pedagógica, então, precisa ser capaz de acolher e valorizar essa diversidade, criando um ambiente onde todos possam contribuir e aprender de maneira significativa.

Essa valorização da multiplicidade implica na adoção de estratégias pedagógicas inclusivas, que respeitem as diferenças e promovam a equidade. Por exemplo, o uso de metodologias ativas, recursos tecnológicos e abordagens interdisciplinares permite que o ensino atenda às diversas formas de aprender dos alunos, promovendo um ambiente mais rico e estimulante.

Por fim, o devir nos lembra que o ensino não é algo que se conclui. Ele não tem um ponto final, mas é um movimento contínuo de transformação e aprendizado. Tanto professores quanto alunos estão sempre em processo de mudança, seja ao adquirir novos conhecimentos, seja ao desenvolver habilidades e atitudes que os preparem para lidar com as complexidades do mundo contemporâneo.

Assim, ensinar, sob o prisma do devir, é mais do que uma profissão ou uma técnica. É um chamado para abraçar a fluidez e a incerteza, reconhecendo o potencial transformador presente em cada interação educacional. Esse ato, longe de ser estático ou previsível, é uma dança entre o que se sabe, o que se descobre e o que está por vir, onde todos os envolvidos têm a oportunidade de crescer e se reinventar.

IMPLICAÇÕES DO DEVIR PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Quando o conceito de devir é aplicado à prática pedagógica, ele desafia as abordagens tradicionais do ensino e propõe uma reconfiguração do papel do professor, do aluno e das dinâmicas em sala de aula. Esse paradigma oferece não apenas novas formas de pensar o ensino, mas também direcionamentos práticos para uma educação que valorize a flexibilidade, a criatividade e a interação como elementos centrais do processo de aprendizagem.

A visão tradicional do professor como a figura central do ensino, responsável por transmitir conhecimentos previamente estabelecidos, é substituída, no devir, pela ideia de que o professor é também um aprendiz. Ele assume o papel de mediador, facilitador e coautor no processo educacional, permitindo que a aprendizagem emerja das interações com os alunos e o contexto.

Esse novo papel exige que o professor desenvolva habilidades como a escuta ativa, a sensibilidade para reconhecer as necessidades e interesses dos alunos, e a disposição para adaptar sua prática em tempo real. Por exemplo, ao perceber que um tema específico desperta grande interesse nos alunos, o professor pode reestruturar a sequência das aulas para aprofundar a discussão, conectando-a com outros conteúdos curriculares de maneira interdisciplinar.

No devir, o aluno deixa de ser um receptor passivo do conhecimento e passa a ocupar uma posição de protagonismo. Isso significa que ele não apenas aprende, mas também contribui para a construção do conhecimento, trazendo suas vivências, curiosidades e perspectivas para a sala de aula.

Práticas pedagógicas que valorizam o protagonismo do aluno incluem metodologias como a aprendizagem baseada em problemas (PBL), projetos interdisciplinares e o uso de tecnologias digitais. Essas abordagens permitem que os alunos explorem temas que os interessam, colaborem com colegas e desenvolvam habilidades como pensamento crítico, resolução de problemas e criatividade.

O devir sugere que o ensino deve ser flexível e sensível às transformações que ocorrem no ambiente educacional. Isso significa abandonar currículos rígidos e metodologias engessadas, adotando abordagens que possam se adaptar às necessidades e aos contextos em constante mudança.

Essa flexibilidade pode ser aplicada, por exemplo, no planejamento de aulas que incluam espaços para improvisação e exploração. Em uma aula de ciências, os alunos podem ser incentivados a realizar experimentos abertos, nos quais os resultados não são pré-determinados, mas surgem das interações e do processo de investigação. Da mesma forma, em uma aula de artes, o professor pode valorizar a liberdade criativa dos alunos, permitindo que eles interpretem um tema de maneiras diversas.

A prática pedagógica fundamentada no devir reconhece que cada sala de aula é composta por múltiplas subjetividades, histórias e formas de aprender. Essa multiplicidade é vista não como um desafio, mas como uma oportunidade de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Para valorizar essa diversidade, é fundamental que o professor adote práticas inclusivas, como a personalização do ensino, a utilização de materiais que reflitam diferentes culturas e perspectivas, e a criação de ambientes colaborativos. Por exemplo, em uma turma multicultural, o professor pode promover atividades que explorem as diferentes tradições, histórias e conhecimentos dos alunos, integrando essas experiências ao currículo.

No devir, o ensino é compreendido como um processo não linear, em que o aprendizado não segue um percurso pré-determinado, mas emerge de interações complexas e imprevisíveis. Essa visão exige que o professor e os alunos abracem a incerteza e estejam abertos a redirecionamentos ao longo do caminho.

Esse aspecto do devir pode ser incorporado na prática pedagógica por meio de avaliações formativas, que valorizem o processo de aprendizado em vez de focar exclusivamente nos resultados finais. Atividades como autoavaliações, portfólios e debates reflexivos ajudam a capturar a riqueza do processo educativo, reconhecendo o crescimento e as transformações que ocorrem ao longo do tempo.

O devir também sugere que a sala de aula deve ser um espaço de experimentação e criatividade, onde professores e alunos possam explorar novas ideias, questionar pressupostos e construir juntos novos caminhos. Essa abordagem exige coragem para sair da zona de conforto e experimentar práticas pedagógicas inovadoras.

Por exemplo, em uma aula de literatura, em vez de seguir uma análise tradicional de um texto, o professor pode propor que os alunos criem versões alternativas da história, explorando diferentes perspectivas dos personagens. Da mesma forma, em uma aula de história, os alunos podem ser incentivados a desenvolver projetos interativos, como mapas digitais ou narrativas multimodais, para explorar os eventos históricos de maneira mais envolvente.

Finalmente, o devir coloca em evidência a importância das relações humanas no processo educativo. Ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas construir conexões significativas entre professores, alunos e o mundo ao seu redor. Essas relações são o motor das transformações que ocorrem no ensino e na aprendizagem, tornando a educação um processo profundamente humano e social.

No devir de ensinar, o professor é visto como um mediador do aprendizado, que orienta o aluno a explorar novas possibilidades e a se transformar. Essa postura exige do educador uma atitude reflexiva e investigativa, além de disposição para revisar constantemente suas práticas.

Essa visão também reconhece o professor como um sujeito em processo de formação contínua. Assim como o aluno, ele está sempre aprendendo, seja com os estudantes, seja com os desafios do ambiente educacional.

Portanto, incorporar o devir na prática pedagógica exige uma mudança de perspectiva, na qual o ensino é visto como um espaço de coautoria, transformação e construção coletiva. Essa abordagem não apenas enriquece a experiência educacional, mas também prepara os alunos para viver em um mundo complexo, dinâmico e em constante mudança.

O conceito de devir apresenta implicações profundas para a compreensão dos sujeitos envolvidos no processo de ensino: professores e alunos. Essa perspectiva desloca a visão estática e binária, que frequentemente reduz os sujeitos a papéis fixos, e os reposiciona como agentes em constante transformação. Nesse contexto, tanto o professor quanto o aluno são compreendidos como seres dinâmicos, cujas identidades e aprendizagens emergem a partir de interações complexas e mutáveis.

No paradigma tradicional, o professor frequentemente ocupa o papel de figura de autoridade, detentor do saber que deve ser transmitido de forma linear aos alunos. No entanto, no contexto do devir, o professor é reconcebido como um facilitador, que medita e colabora no processo de construção do conhecimento.

Essa transformação exige uma postura mais aberta, reflexiva e flexível por parte do professor. Ele deixa de ser apenas o "mestre" e passa a ser um aprendiz contínuo, que se adapta às necessidades e potencialidades dos alunos, promovendo o aprendizado como um processo colaborativo.

Por exemplo, em uma aula baseada no devir, o professor pode adotar metodologias que priorizem o diálogo e a exploração conjunta. Em vez de apresentar respostas prontas, ele estimula questionamentos e investigações, incentivando os alunos a construírem suas próprias compreensões sobre o tema abordado. Essa prática torna o ensino mais significativo e personaliza a experiência educacional para cada grupo ou indivíduo.

Do ponto de vista do aluno, o devir propõe uma ruptura com o modelo passivo, em que ele é visto como um receptáculo de informações. O aluno passa a ser protagonista do processo educacional, trazendo suas experiências, conhecimentos prévios e curiosidades para o centro das atividades de aprendizagem.

Nesse modelo, cada aluno é reconhecido em sua singularidade. Sua voz é valorizada e suas perspectivas são integradas às práticas pedagógicas. Essa abordagem é especialmente importante em contextos de diversidade cultural, social e econômica, onde as diferenças entre os alunos enriquecem o processo educativo.

Por exemplo, em um projeto interdisciplinar, os alunos podem ser incentivados a explorar temas que os interessam, conectando-os com conteúdos curriculares. Esse tipo de abordagem não apenas estimula o protagonismo, mas também promove o aprendizado ativo, no qual os alunos são desafiados a resolver problemas, colaborar com colegas e criar soluções inovadoras.

O devir redefine a relação entre professor e aluno como uma interação dialógica, em que ambos aprendem e ensinam simultaneamente. Essa visão rompe com a hierarquia rígida entre as partes, promovendo uma relação horizontal e colaborativa.

A prática pedagógica dialógica valoriza a escuta ativa, o respeito mútuo e a co-construção do conhecimento. Nesse ambiente, o professor não impõe conteúdos, mas facilita processos nos quais os alunos participam ativamente, compartilhando suas ideias e cocriando novos saberes.

Por exemplo, em um debate sobre questões sociais, o professor pode criar um espaço seguro para que os alunos expressem suas opiniões, promovendo o confronto respeitoso de ideias e a construção coletiva de perspectivas críticas. Essa dinâmica não apenas enriquece o aprendizado, mas também fortalece habilidades como argumentação, empatia e pensamento crítico.

O devir também destaca que tanto professores quanto alunos estão em constante transformação. Esse aspecto é fundamental para compreender que a educação é um processo dinâmico, no qual os sujeitos se desenvolvem, evoluem e ressignificam suas identidades ao longo do tempo.

No contexto escolar, isso significa que o professor deve estar atento às mudanças nos interesses, necessidades e contextos dos alunos, ajustando suas práticas pedagógicas de acordo. Da mesma forma, os alunos são incentivados a explorar e experimentar, reconhecendo que o aprendizado não é linear, mas sim um processo de múltiplas possibilidades.

Por exemplo, um aluno que inicialmente demonstra pouco interesse por determinada área do conhecimento pode, ao longo do tempo, desenvolver curiosidade e engajamento por meio de práticas pedagógicas que conectem o conteúdo às suas vivências

e aspirações. O professor, por sua vez, precisa estar preparado para reconhecer essas mudanças e apoiar o aluno em seu processo de descoberta.

A visão do devir como relação entre sujeitos também tem importantes implicações para a educação inclusiva. Ao valorizar a singularidade e a multiplicidade, essa abordagem promove uma educação que acolhe e respeita as diferenças, criando espaços de aprendizado acessíveis e significativos para todos os alunos.

Nesse sentido, o professor é desafiado a adotar práticas pedagógicas inclusivas, que considerem as diversas necessidades e potencialidades dos alunos. Isso pode incluir desde a adaptação de materiais e atividades até a criação de ambientes que incentivem a colaboração e a troca de experiências entre alunos com diferentes histórias e habilidades.

Por exemplo, em uma sala de aula inclusiva, o professor pode propor projetos colaborativos nos quais cada aluno contribua com suas forças e habilidades específicas, promovendo um aprendizado coletivo e valorizando as contribuições de todos.

Por fim, o devir enfatiza a importância da empatia na relação entre professores e alunos. Compreender o outro em sua complexidade e singularidade é essencial para criar uma relação educativa significativa, na qual o aprendizado emerge de interações respeitosas e transformadoras.

Ao praticar a empatia, o professor se torna mais sensível às necessidades e aspirações dos alunos, criando um ambiente em que todos se sintam valorizados e encorajados a participar. Da mesma forma, os alunos aprendem a valorizar a perspectiva do professor e de seus colegas, desenvolvendo habilidades socioemocionais que são essenciais para a vida em sociedade.

Em suma, a relação entre o devir e os sujeitos do ensino desafia as visões tradicionais e propõe uma educação que seja, ao mesmo tempo, humana, dinâmica e transformadora. Essa abordagem reconhece que professores e alunos estão em constante movimento, construindo juntos uma prática educativa que valoriza a diversidade, o diálogo e a transformação contínua.

CONCLUSÃO

O conceito de devir transcende as estruturas tradicionais da educação, trazendo à tona uma visão fluida, criativa e emergente do ensino e da aprendizagem. Ao longo deste artigo, exploramos como o devir ressignifica o ato de ensinar, revelando sua natureza em constante transformação e desafiando as concepções estáticas e lineares que muitas vezes moldam as práticas pedagógicas.

O ensino, compreendido sob a ótica do devir, destaca-se como uma prática em movimento contínuo, onde o professor e os alunos são agentes de transformação mútua. Essa perspectiva rompe com a hierarquia tradicional entre quem ensina e quem aprende, propondo uma relação dialógica e colaborativa, na qual todos os envolvidos têm algo a contribuir.

O devir não apenas redefine papéis, mas também reformula os objetivos educacionais. Ensinar deixa de ser um esforço isolado para alcançar resultados padronizados e passa a ser um processo coletivo que valoriza a experimentação, a criatividade e a interação. Assim, o devir se torna não apenas um conceito teórico, mas uma prática essencial para tornar a educação mais significativa e relevante em um mundo em constante mudança.

Adotar o devir como fundamento da prática educativa implica enfrentar desafios significativos. Um deles é a necessidade de questionar e superar estruturas rígidas, como currículos engessados, sistemas de avaliação padronizados e práticas pedagógicas baseadas na memorização e reprodução de conteúdos. Essas estruturas muitas vezes limitam a flexibilidade e a abertura necessárias para que o devir floresça no ambiente educacional.

Por outro lado, o devir também abre um campo vasto de possibilidades. Ele incentiva a experimentação pedagógica, o uso de metodologias ativas e a valorização da diversidade nas salas de aula. Além disso, ao reconhecer o ensino como um processo inacabado, o devir convida professores e alunos a abraçarem a incerteza e a enxergarem o aprendizado como uma jornada contínua de descoberta e transformação.

O devir também carrega implicações éticas profundas para a educação. Ele enfatiza a

importância de criar ambientes de aprendizado que respeitem a singularidade de cada aluno e promovam o desenvolvimento integral de suas potencialidades. Isso exige práticas pedagógicas que sejam inclusivas, equitativas e centradas no relacional, reconhecendo que o ensino é, em sua essência, um ato profundamente humano e social.

Nesse sentido, o devir inspira uma visão de educação que vai além da transmissão de conhecimentos técnicos ou acadêmicos. Ele convida professores e alunos a explorarem questões éticas, sociais e existenciais, criando espaços para reflexões críticas sobre o mundo e promovendo uma educação que seja, ao mesmo tempo, transformadora e emancipatória.

No contexto contemporâneo, marcado por rápidas transformações tecnológicas, sociais e culturais, o devir se destaca como um motor essencial de inovação na educação. Ele nos desafia a repensar não apenas o que ensinamos, mas como ensinamos, incentivando práticas pedagógicas que sejam dinâmicas, adaptáveis e conectadas às realidades e desafios do mundo atual.

Por exemplo, a integração de tecnologias digitais no ensino, quando orientada pelo conceito de devir, pode se tornar uma ferramenta poderosa para criar experiências de aprendizado mais interativas e personalizadas. Da mesma forma, o devir nos encoraja a explorar abordagens interdisciplinares e colaborativas, conectando diferentes áreas do conhecimento e promovendo um aprendizado mais holístico.

Finalmente, o devir nos lembra que o ensino nunca é um processo concluído. Ele está sempre em movimento, sempre aberto ao novo, sempre disposto a se reinventar. Essa visão nos convida a abraçar a incerteza e a complexidade do ato de ensinar, reconhecendo que cada interação educacional é uma oportunidade para crescer, aprender e transformar.

Ao adotarmos o devir como horizonte para a educação, nos comprometemos com uma prática pedagógica que seja, ao mesmo tempo, profundamente humana, criativa e inovadora. Essa perspectiva não apenas enriquece o ato de ensinar, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e voltada para o futuro.

Portanto, o devir é mais do que uma ideia ou um conceito filosófico. Ele é uma convocação para reimaginar a educação como um espaço de possibilidades infinitas, onde professores e alunos caminham juntos em uma jornada de descoberta, transformação e crescimento mútuo.

Na contemporaneidade, marcada por rápidas mudanças culturais, tecnológicas e sociais, o conceito de devir oferece uma perspectiva essencial para compreender o ensino como uma prática em constante adaptação. O devir desafia os modelos educacionais estáticos e aponta para uma prática pedagógica que valoriza a fluidez, a criatividade e a capacidade de responder às transformações do mundo atual.

A contemporaneidade é caracterizada por um estado de permanente transformação, impulsionado por inovações tecnológicas, mudanças climáticas, globalização e diversidade cultural. Esse cenário exige uma educação que seja igualmente dinâmica, capaz de preparar os alunos não apenas para lidar com desafios atuais, mas também para antecipar e responder a questões emergentes. Nesse contexto, o devir se apresenta como uma ferramenta conceitual poderosa, permitindo que professores e alunos compreendam o ensino como um processo em evolução contínua. Em vez de se limitar à transmissão de conteúdos pré-determinados, a educação guiada pelo devir promove o desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, criatividade e adaptabilidade.

Por exemplo, o uso de tecnologias digitais em sala de aula, como plataformas de aprendizado online e ferramentas interativas, exemplifica como o devir pode influenciar as práticas pedagógicas. Essas tecnologias permitem que o ensino se ajuste às necessidades dos alunos, criando experiências personalizadas e interativas que refletem o dinamismo da contemporaneidade.

A presença das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na educação contemporânea ilustra claramente a relação entre o devir e o ensino. As TICs transformaram a maneira como o conhecimento é produzido, compartilhado e acessado, criando novas possibilidades para o aprendizado e desafiando os modelos tradicionais de ensino.

Sob a perspectiva do devir, as TICs são vistas como ferramentas que expandem as fronteiras do ensino, permitindo que os alunos se conectem a uma rede global de informações e experiências. Ao mesmo tempo, elas exigem que os professores adaptem suas práticas pedagógicas para integrar essas tecnologias de forma significativa e ética.

Por exemplo, o ensino baseado em projetos colaborativos online permite que alunos de diferentes contextos culturais e geográficos trabalhem juntos, explorando temas globais de maneira interdisciplinar. Essa abordagem não apenas enriquece o aprendizado, mas também reflete o caráter dinâmico e interconectado do devir.

A contemporaneidade também apresenta desafios éticos e culturais significativos para o ensino. Em um mundo marcado por desigualdades sociais, preconceitos e conflitos, a educação guiada pelo devir deve promover valores como empatia, respeito à diversidade e responsabilidade social.

O devir exige que os professores questionem e repensem práticas pedagógicas que perpetuam exclusões e hierarquias. Isso inclui a revisão de currículos para incluir perspectivas diversas, o uso de metodologias inclusivas e a criação de espaços de aprendizado que respeitem e valorizem as diferenças.

Por exemplo, uma sala de aula multicultural pode adotar práticas pedagógicas que explorem as contribuições culturais de diferentes grupos, promovendo o diálogo e a compreensão intercultural. Essas práticas não apenas enriquecem o aprendizado, mas também ajudam a preparar os alunos para viver e trabalhar em um mundo cada vez mais diverso e interconectado.

Outra dimensão importante do devir na contemporaneidade é sua relação com a sustentabilidade. A educação guiada pelo devir deve estar alinhada com os princípios do desenvolvimento sustentável, preparando os alunos para enfrentar desafios globais, como as mudanças climáticas e a escassez de recursos naturais.

Nesse sentido, o ensino pode incorporar práticas pedagógicas que promovam a consciência ambiental, a responsabilidade social e a inovação sustentável. Por exemplo, projetos interdisciplinares que integrem ciências, geografia e cidadania podem incentivar os alunos a desenvolverem soluções criativas para problemas ambientais em suas comunidades.

A contemporaneidade também exige que o ensino seja um espaço de criação e ressignificação. O devir inspira professores e alunos a explorarem novas formas de pensar, aprender e agir, abrindo caminho para práticas pedagógicas inovadoras e transformadoras.

Por exemplo, metodologias como a aprendizagem baseada em projetos (ABP) e a sala de aula invertida refletem os princípios do devir, permitindo que os alunos assumam um papel ativo no processo de aprendizado e conectem o conhecimento adquirido a suas próprias vivências e aspirações.

A experiência de ensino na contemporaneidade também destaca a importância da formação continuada para os professores. O devir exige que os educadores estejam constantemente atualizados e abertos a novas ideias, metodologias e tecnologias.

A formação continuada não apenas melhora as habilidades pedagógicas dos professores, mas também os ajuda a navegar pelas complexidades e incertezas do ensino contemporâneo. Programas de desenvolvimento profissional, comunidades de prática e redes de aprendizagem são exemplos de iniciativas que promovem o devir na formação docente.

Em suma, o devir oferece uma visão poderosa e transformadora do ensino na contemporaneidade. Ele nos desafia a abraçar a mudança, a inovação e a diversidade, reconhecendo o ensino como uma prática em movimento contínuo.

Essa perspectiva não apenas enriquece a experiência educacional, mas também prepara professores e alunos para enfrentar os desafios de um mundo em constante transformação, contribuindo para a construção de uma educação mais significativa, inclusiva e sustentável.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas. Belo Horizonte: Au-

têntica, 2002.
VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e Filosofia da Diferença: Desafios Contemporâneos. Educação e Filosofia, v. 18, n. 35, 2004.

vv